



LEITURA E ESCRITA ACADÊMICAS: PRÁTICAS DE LETRAMENTO NO CURSO DE PEDAGOGIA

Jeanne Maria Oliveira Manguera, Formadora no PNAIC/UFPB.

Maria Gerlaine Belchior Amaral, Docente da UFCG, Campus de Cajazeiras-PB.

Resumo: As práticas de leitura e escrita em todos os níveis e modalidades de ensino contribuem para a construção identitária dos indivíduos. No ensino superior isso não é diferente, uma vez que por meio dos textos os estudantes têm contato com a linguagem acadêmica e têm acesso a novos conhecimentos. No entanto, uma parcela significativa desses estudantes ao chegarem ao ensino superior evidenciam dificuldades de compreensão leitora e, por conseguinte, dificuldades para desenvolver a competência escritora articulando novos saberes. Em vista disso, este artigo é decorrente de nosso exercício profissional e objetiva refletir sobre as vivências e/ou dificuldades de leitura que encontramos nos estudantes do curso de Pedagogia, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande (CFP/UFCG), bem como qual a importância que esta leitura representa para sua atuação docente.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Identidade. Docência.

1 Introdução

Em nossa prática docente na educação superior, temos percebido que os estudantes chegam a esse nível de ensino apresentando dificuldades das mais diversas, dentre elas, a de leitura e escrita, ou seja, uma formação linguística superficial e uma visão de língua estruturalista. Essa deficitária situação é reflexo de um ensino descontextualizado, mecânico, que não os expõe às necessidades interacionais específicas de seu dia a dia.

Pensando nisso, este artigo tem o intuito de trazer para o âmbito acadêmico a reflexão acerca da prática da leitura e da escrita, de modo particular, no curso de Pedagogia. A relevância dessa temática reside no fato de estarmos tratando da formação dos profissionais que num espaço curto de tempo estarão exercendo a docência. Por outros termos, trata-se de profissionais que precisam dominar os processos de ler e escrever porque irão necessitar deste conhecimento para ensinar aos estudantes do ensino fundamental tais habilidades. As reflexões aqui registradas objetivam compartilhar com os docentes do ensino superior os dilemas por nós vivenciados e as experiências exitosas que realizamos no âmbito do Centro de Formação de Professores (CFP/UFCG).

2 Para início de conversa o que entendemos por leitura

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. [...] cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria [...] (CARTIER, 1996, p. 20).

Muitas das palavras da nossa língua são derivadas do latim. Etimologicamente, o vocábulo *ler* teve seu sentido originado da agricultura. Assim, ler provém do latim *lego/legere* e significa “colher, escolher, recolher, apanhar, captar”. Implica uma pessoa ir ao pé, captar com os olhos, selecionar e retirar os melhores frutos, os melhores cachos.

Neste sentido, esta reflexão põe em evidência o ato de ler não como algo mecânico, de decodificação do signo linguístico, da palavra escrita, mas algo que “não se resume apenas na leitura de livros, nós podemos ler uma situação, uma atitude, um olhar, um objeto, enfim, podemos ler através dos sentidos, das emoções e da razão” (MARTINS, 1994, p. 38).

Logo, o ser humano é capaz de ler, desde o homem do campo, não alfabetizado (SOARES, 1998), não letrado (SOARES, 1998), que por meio da observação da natureza prevê para o sertão um período chuvoso ou de grande estiagem, quanto o sujeito, conhecedor do código linguístico.

Assim, a leitura é importante à vida do indivíduo, pois, a partir de suas próprias referências enquanto leitor, ela vai ganhando sentido. Entretanto, o prazer de ler ou de tornar a leitura um hábito esbarra no estudo de como a língua é/foi ensinada. Para grande parte dos estudantes, o ensino da língua se resume ao estudo da Gramática da Língua Portuguesa, ou melhor, das regras/normas gramaticais. Essa realidade os faz acreditar que isso é suficiente para se escrever bem.

O desafio parece estar, dentre outras questões, em deixar ruir cercas entre o que se constituiu como primazia ao longo do tempo num ensino tradicional, mecânico da língua. Que significa isso? Significa ser necessário rompermos com práticas educativas arraigadas a um único saber: o saber erudito, da elite. Isso se reflete, quando observamos que, “numa sociedade onde a leitura não é uma prática social, *ler na sala de aula* para construir possibilidades, construir significações, torna-se perigosa subversão. Lutar por ela é lutar, onde se está, contra o *status quo*” (GERALDI, 1984, p. 6).

Nesse propósito, retomamos o que diz Almeida (2001, p. 119): “As leituras do professor são relevantes para a constituição de sua identidade profissional”. Essa prática de

leitura costuma ser o “instrumento de base para a condução das aulas”; “o fundamento das estratégias pedagógicas dos professores” (ANDRADE, 2004, p. 125).

Nesse pensamento, Freire (1997, p. 66) coloca que,

[...] os professores poderão dizer que leem as revistas e os novos livros técnicos e se mantêm atualizados em sua própria área, desse modo renovando-se sempre. Vão a conferências e seminários de professores para ouvir novas ideias. Mas, a noção de militância é diferente. O processo libertador não é só um crescimento profissional. É uma transformação ao mesmo tempo social e de si mesmo, um momento no qual aprender e mudar a sociedade caminham juntos.

Para que a cultura de uma leitura e escrita acadêmicas promova mudança pessoal e social, será fundamental acreditarmos que “o saber se faz através de uma superação constante, por isso não pode o professor se colocar na posição do ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica um saber relativo” (FREIRE, 1997, p. 58).

3 Metodologia: A nossa prática

O curso de Pedagogia do CFP/UFMG possui os Núcleos de Estudos Básicos, de Aprofundamento e Diversificação de Estudos e de Estudos Integradores, além de duas áreas de aprofundamento: Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Gestão de Processos Educativos. O futuro pedagogo poderá atuar na Educação Infantil; nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; na Educação de Jovens e Adultos; na Gestão de Processos Educativos, sendo estas duas últimas consideradas áreas de aprofundamento.

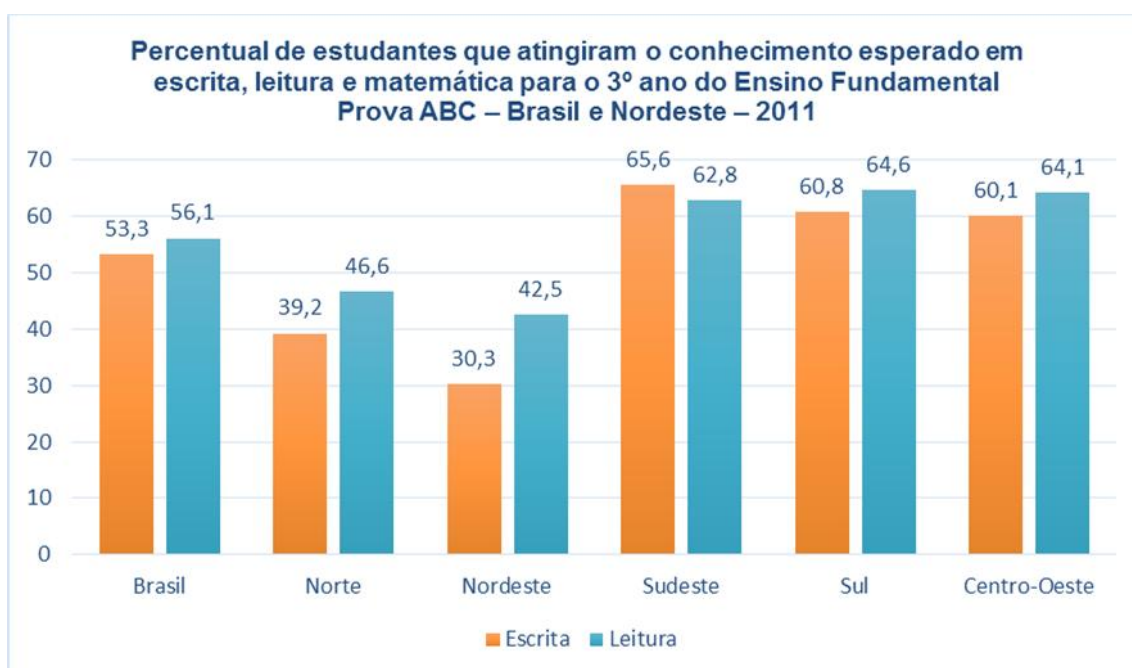
Os componentes curriculares por nós ministrados estão ligados ao Núcleo de Estudos Básicos e têm como foco: Fundamentos e Metodologia da Educação Infantil, Fundamentos e Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, Fundamentos e Metodologia do Ensino da História, Fundamentos e Metodologia do Ensino da Geografia, Didática e Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Essas disciplinas atendem, em sua maioria, a estudantes do quarto semestre em diante do curso.

Assim, objetivando melhorar a leitura e escrita dos estudantes, adotamos uma metodologia que prioriza a concepção de linguagem numa perspectiva sociointeracionista ou sociodiscursiva. A linguagem, assume “lugar de inter-ação” entre sujeitos sociais, isto é, [lugar de] sujeitos ativos, empenhados em uma atividade comunicativa” (KOCH, 2009).

Dessa maneira, do ponto de vista dos dilemas que enfrentamos o primeiro são os resquícios da má formação recebida no ensino fundamental. É de domínio público que o grande problema que assola o sistema de ensino brasileiro é o baixo padrão de qualidade do ensino. Na prática isso quer dizer que as mazelas presentes no âmbito da educação básica repercutem, inevitavelmente, no ensino superior. Ou seja, as fragilidades do ensino fundamental e médio - no tocante à aprendizagem da leitura e da escrita - acompanham os estudantes quando estes ingressam na universidade.

Consideramos pertinente destacar o fato de que as experiências aqui registradas são experiências de um curso de Pedagogia que está instalado na região Nordeste, no interior da Paraíba onde a clientela é predominantemente de alunos oriundos do campo. Fazemos esse destaque por se tratar de um local onde os indicadores educacionais estão abaixo dos indicadores da média nacional.

Os dados abaixo mostram que as políticas educacionais implantadas pelo governo federal, através do movimento “Todos pela Educação” (BRASIL, 2013), apresentam ainda pequenos avanços no que diz respeito à leitura e escrita. A região Nordeste se encontra em um contexto que não tem obtido melhorias e nem avanços significativos em relação a essa categoria. Essa realidade na política educacional brasileira demanda uma análise mais profunda, análise que não é objeto de avaliação neste texto.



Fonte: Anuário Brasileiro da Educação Básica – Todos Pela Educação, 2013.

Esse contexto faz com que recebamos no curso de Pedagogia do CFP graduandos com intensas dificuldades no que se refere à prática da leitura e da escrita. Em nosso trabalho cotidiano é comum nos depararmos com estudantes que não têm o hábito da leitura, que têm sérias dificuldades para compreender a mensagem que o texto transmite, ou ainda, que não conseguem articular saberes teóricos com saberes da experiência. Há situações em que os estudantes têm dificuldades de fazer a leitura literal do texto e muitos não conseguem atingir um nível crítico de leitura expressando um pensamento pessoal, fragmentado acerca do assunto lido.

E se são inúmeras as dificuldades no âmbito da leitura elas se multiplicam quando chega o momento de escrever. Embora estejamos abordando a realidade de um curso de formação de professores em nível de ensino superior, deparamo-nos com situações onde a escrita do graduando apresenta erros muito elementares.

Entretanto, identificar os dilemas é ou deve ser apenas a primeira parte de um longo e desafiante processo. Ou seja, o de assumir o nosso papel de sujeitos que intervêm nesse processo contribuindo para seu aperfeiçoamento (FREIRE, 1997, p. 36).

Na perspectiva de partilhar nossa experiência registramos aqui algumas práticas metodológicas desenvolvidas na graduação de Pedagogia, sobretudo, as experiências vivenciadas nas seguintes disciplinas: *Fundamentos e metodologia do ensino de Língua Portuguesa, Estágio Supervisionado e TCC (monografia)*.

Passamos então a relatar algumas das situações por nós experienciadas.

Na perspectiva de superar a cultura de só estudar para fazer a prova, inserimos no cotidiano do trabalho acadêmico a pesquisa na internet como algo constante. Essa pesquisa é realizada com o claro propósito de desenvolver a competência leitora e a competência escritora, geralmente, feita sob a orientação docente. Essa orientação consiste em trabalhar pontos frágeis identificados no âmbito da leitura e da escrita. E, na perspectiva do desenvolvimento coletivo trabalhamos sempre com a socialização do saber apropriado de forma pessoal obtido a partir da pesquisa.

Outra prática por nós vivenciada com frequência são as chamadas oficinas pedagógicas. Nessas oficinas trabalhamos tanto conteúdos que os graduandos necessitarão em sua ação pedagógica futura, como necessidades formativas do próprio graduando para o seu desenvolvimento profissional docente. Eis algumas das temáticas que trabalhamos por meio de oficinas: produção textual, níveis de leitura, portadores sociais de texto, diferentes gêneros textuais, ortografia, compreensão leitora (utilizando o jornal), entre outras.

Nosso entendimento é que a mediação docente no ensino superior repercute na qualidade dos processos de ensinar e aprender na educação básica. Por isso, do ponto de vista metodológico, preocupamo-nos não apenas com os alunos bolsistas ou participantes de algum projeto da universidade. Nossa preocupação é com o desenvolvimento profissional docente de todos os graduandos.

Decorrente deste pensamento uma ação metodológica de trabalho compartilhada consiste em solicitar que cada pessoa do grupo produza um texto científico e o troque com um colega de sala, o qual irá realizar correções e propor sugestões para o seu aprimoramento.

Conscientes da inter-relação entre subjetividade e objetividade, solicitamos aos estudantes a ampliação do universo vocabular por meio da observação. Sabemos que os graduandos somente externarão os saberes dos quais tenham se apropriado; por isso, solicitamos que tenham atenção redobrada no que se refere à linguagem (sobretudo leitura e escrita) nos mais diferentes meios sociais. E suas apreensões devem ser registradas e socializadas no grupo.

Do ponto de vista da produção de textos científicos, sem sombra de dúvidas, nosso maior desafio é o momento de escrita do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), então todo o trabalho de escrita converge para esse momento tão desafiador. Desse modo, ao longo do curso trabalhamos com a construção de parágrafos (algo elementar), produção de esquemas, artigos, relatórios, resenhas, além da produção e impressão de boletins e informativos, objetivando desenvolver a competência leitora e a competência escritora dos graduandos de Pedagogia.

4 Resultados/Impressões

Partindo do pressuposto de que ao mesmo tempo em que ensinamos, também aprendemos a nossa preocupação é considerar a prática pedagógica dos docentes numa situação natural de vida e de trabalho, vendo a sala de aula como lugar privilegiado para a aprendizagem sistemática da língua. Espaço também onde a leitura comece a fluir, e o professor como mediador indispensável nesse processo de inserção do aluno no aprendizado e aprimoramento dessa leitura. Como afirma Cagliari (1989), é importante que os alunos possam se constituir leitores na escola e fora dela.

Destarte, ratificando a importância de um trabalho interdisciplinar e constitutivo de êxito, o que tem comprovado a eficácia das atividades desenvolvidas tem sido a nota 4,0 no Exame Nacional de Desempenho do Estudante (ENADE) que o curso de Pedagogia

(CFP/UFCEG) tem atingido. Apesar dos questionamentos de muitos educadores acerca da aplicação desse instrumento, ele tem contribuído positivamente na consolidação de uma prática docente comprometida.

5 Conclusão

Estas proposições assinalam que novas estratégias de ensinar e aprender necessitam ser integradas ao cotidiano docente, pois, as dificuldades de leitura e escrita que perpassam a vida dos estudantes, futuros docentes, precisam ser superadas. Em/com Freire exercita-se a reflexão sobre a prática, o diálogo entre diferentes saberes e fazeres e se reflete sobre a construção de uma formação leitora e escritora.

A pluralidade dos espaços formativos e a busca por novas estratégias de ensino fomentam o fortalecimento de uma docência comprometida com a melhoria do padrão da qualidade do ensino brasileiro. No entanto, a educação básica só vai atender aos objetivos a que se propõe de promover o desenvolvimento da cidadania e a inserção dos estudantes no mundo do trabalho e nos estudos posteriores se verdadeiramente considerar as relevantes contribuições da leitura e da escrita. A nosso ver, esse é um desafio que está posto à formação docente e do qual a universidade não pode desviar o olhar.

Referências

ALMEIDA, Ana Lúcia C. O professor leitor, sua identidade e sua práxis. In: KLEIMAN, Ângela (Org.). *A formação do professor: perspectivas da linguística aplicada*. Campinas/SP: Mercado Aberto, 2001.

ANDRADE, Ludmila T. *Professores-leitores e sua formação: transformações discursivas de conhecimentos e de saberes*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2004.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

BATISTA, Antônio A. Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (Org.). *Leitura: práticas, impressos, letramento*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BRASIL. *Anuário Brasileiro da Educação Básica 2013 – Todos Pela Educação*. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/biblioteca/1479/anuario-brasileiro-da-educacao-basica-2013>>. Acesso em: 24 maio 2014.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Scipione, 1989.

CARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

- DAY, Christopher. *Desenvolvimento profissional de professores*. Os desafios da aprendizagem permanente. Porto: Porto Editora, 2001.
- FRADE, I. C. A. S.; SILVA, C. S. R. Prefácio. In: CHARTIER, R. (Org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. 4. Cascavel: Assoeste, 1984.
- GUIMARÃES, Valter Soares. *Formação de Professores: saberes, identidade e profissão*. Campinas, SP: Papirus, 2004.
- KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura – teoria e prática*. Campinas: UNICAMP, 1993.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção Textual, Análise de gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?*, 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção primeiros passos; 74).
- SOARES, Magda Becker. Alfabetização: a ressignificação do conceito. *Alfabetização e Cidadania*, n. 16, p. 9-17, jul. 2003.
- _____. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Docência como atividade profissional. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; D’Avila Cristina (Org.). *Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas*. Campinas, SP: Papirus, 2008. p. 13-21.